
José Oliveira Ferreira – a vida e a obra do escultor até fixar residência na Casa-oficina em Miramar

Isilda Monteiro*

Em maio de 1913, menos de dois anos depois de ter retornado a Vila Nova de Gaia, vindo de Paris, o escultor José de Oliveira Ferreira já estava a residir na Praia de Miramar, na casa-oficina que construía «à sua custa», num terreno adquirido juntamente com o irmão, o arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira, em 29 de setembro de 1909. O projeto, da autoria do escultor, respondia à necessidade de dispor de um espaço adequado à criação das peças escultóricas para o monumento da Guerra Peninsular, em Lisboa. Ao concurso, cujas bases foram publicadas no *Diário do Governo* em 15 de setembro de 1908, no mesmo dia em que o rei D. Manuel II dava solenemente início às comemorações do 1.º Centenário das Invasões Francesas, colocando a primeira pedra do monumento, os irmãos Oliveira Ferreira apresentaram a maquete que denominaram de «Os aspirantes portugueses», a que veio a ser atribuído o primeiro lugar.

Com 25 e 24 anos respetivamente, José e Francisco de Oliveira Ferreira afirmavam-se, desta forma, no meio artístico nacional. Contudo, se para o irmão Francisco, arquiteto, pela relevância e quantidade das obras que realizou, se pode considerar que esse foi o início de uma carreira bem sucedida, para o escultor José de Oliveira Ferreira, vicissitudes várias e um temperamento difícil não lhe permitiram alcançar o sucesso que alguns bem cedo lhe vaticinaram.

Sem grandes pruridos, Diogo de Macedo que o conhecia bem, escreveu em 1932, ainda em vida do escultor, que José de Oliveira Ferreira teve na adjudicação do monumento da Guerra Peninsular «a sua hora de vitória», mas que «Depois, a pouco a pouco esquecido, de feitio simples e tímido, meteu-se num recanto duma praia da terra, onde raros o lembram e poucos o visitam», antes de concluir, «É também esta uma característica dos artistas de ali (Vila Nova de Gaia), que, quando desfalecidos, perante a cabotinagem triunfante, recolhem neurastenicamente, à vil tristeza da solidão» (MACEDO, 1932: 380).

Na casa-oficina de Miramar, José de Oliveira Ferreira fechou-se ao mundo. Inicialmente, para se dedicar por inteiro à criação das peças para o monumento da Guerra Peninsular, depois, desiludido com o adiamento da sua construção, para se recluir, mandando rodeá-la «de árvores frondosas que dentro em pouco o mergulharam em sombras espessas», como refere o seu amigo, o pintor Joaquim Lopes (1948: 195). A vida do escultor José de Oliveira Ferreira está, assim, profundamente ligada à casa-oficina onde viveu e trabalhou ao longo de três décadas e onde veio a falecer, aos 53 anos, em 3 de outubro de 1942.

José de Oliveira Ferreira nasceu na freguesia de S. Nicolau, na cidade do Porto, em 8 de janeiro de 1883. Era o terceiro filho de Henrique Gomes Ferreira, confeitoiro, natural da mesma freguesia, e de Maria da Anunciação de Oliveira, «regente de casa», nascida em S. Martinho de Orgens, Viseu – o primeiro filho, António, nascera em 9 de julho de 1880 e o segundo, Rita, em 16 de dezembro de 1881. A estes, juntar-se-lhes-ia, ainda, em 25 de setembro de 1884, Francisco, o quarto e último filho do casal. Henrique Gomes Ferreira, do seu primeiro casamento realizado em 4 de dezembro de 1853 com Margarida de Jesus Ferraz, tinha ainda um outro filho, Tomás Ferraz Ferreira, nascido em 4 de outubro de 1854 (Manuel, o segundo filho nascido em 4 de agosto de 1856, morreu ainda criança). Tendo enviuvado em 15 de março de 1877, Henrique Gomes Ferreira voltou a casar, aos 50 anos, em 23 de junho de 1779, na Igreja de Massarelos, na cidade do Porto, com Maria da Anunciação, solteira e de 34 anos. Contudo, o relacionamento com a família Ferraz, residente em S. Nicolau, na cidade do Porto persistiu, tendo o irmão da primeira mulher, Manuel Caetano Ferraz, negociante, apadrinhado o seu filho José.

Nascidos numa família de negociantes, os quatro irmãos Oliveira Ferreira terão vivido os primeiros anos da sua vida no Porto, na Rua de Belomonte. Em data que se desconhece, a família passou a residir em Vila Nova de Gaia, inicialmente no Candal e, mais tarde, na Rua do Choupelo, em Santa Marinha.

Entre 1895 e 1898, José, tal como o irmão Francisco, terá estudado à noite, na Escola de Desenho Industrial de Passos Manuel, a funcionar na Rua Cândido dos Reis. Aí evidenciou tendência para trabalhar a greda mais ou menos rude, tendo também trabalhado bem o desenho aguarelado (LOPES, 1948: 192). Em 1898 ingressou na Academia Portuense de Belas Artes, no Porto, em Escultura, onde teve como professores, entre outros, Marques de Oliveira e Teixeira Lopes que o admitiu no seu atelier, nessa época, com um intenso trabalho. Havia espaço para muitos estudantes ora desenvolvendo estudos de invenção ora desenvolvendo em esboços as maquetes que lhes eram confiadas (LOPES, 1948: 192). Entre 1902 e 1903, juntamente com Pinto do Couto e Alves de Sousa, terá participado nas obras de reconstrução no Palácio de S. Bento, da Câmara dos Deputados realizadas por Teixeira Lopes em colaboração com Ventura Terra e Moreira Rato. José de Oliveira Ferreira terá, ainda, colaborado na construção do grupo escultórico *A Pátria*, de Teixeira Lopes, colocado em 1908 no pórtico da fachada oriental do Museu Militar de Lisboa.

No entanto, na Academia Portuense, os prémios iam surgindo. Em 1902-1903, obteve o primeiro segundo prémio (20\$000 réis) com *Eva, estátua por Delaplanche* e uma segunda menção honrosa no concurso anual de Desenho Histórico (*Catalogo*, 1903:17, 18).

Em 1905, a defesa dos interesses da Academia Portuense de Belas Artes, onde, além dele próprio, estudava Arquitetura o seu irmão Francisco, levou-o a integrar um grupo de estudantes, entre os quais Alves de Sousa, Pinto do Couto, Figueiredo Ferreira, que reclamava a reforma da Academia e do ensino superior artístico (LEÃO, 2005: 131). Terminou o curso de Escultura nesse ano. A sua prova final foi um alto-relevo sob o tema «uma mulher cai desfalecida num banco público, segurando duas crianças ao colo». A qualidade da sua obra, bem como da do seu colega Alves de Sousa, foi destacada na imprensa. Considerados «dois moços com decidida vocação para a escultura, a julgar pelas provas que apresentam e que são realmente duas obras de valor» (*Provas do 5.º anno... 20.2.1906: 36-37*), Guedes de Oliveira apresenta-os como

os dois alunos de escultura que deixando a escola por haverem terminado o curso, deixam também ao dizer-lhe adeus, eloquentemente afirmado que não foi perdido o seu tempo quando à Academia confirmam o encargo da sua primeira educação artística. Pode dizer-se que eles defenderam a sua tese como dois mestres feitos; e quem entra assim armado nas contingências da luta, pode largamente confiar da forte musculatura do seu braço a segura conquista do triunfo (OLIVEIRA, 1905).

Dois anos depois, no início de 1907, candidatou-se a pensionista do Estado para estudar escultura em Paris, num concurso, cujo programa e respetivas instruções foram publicados no *Diário do Governo* (12.1.1907). A pensão de 3600 francos por ano destinava-se a jovens artistas que pretendessem estudar em Paris, durante três anos, «devendo remeter para a Academia os trabalhos de cada ano, a tempo de serem julgados por esta, com o fim de lhe ser autorizada a continuação da pensão ou retirada, conforme a proposta do Conselho Académico, em resultado do julgamento desses trabalhos». Para a viagem de ida e de regresso seriam, ainda, abonados 120 mil réis. Sob proposta da Academia, a pensão poderia ser prorrogada por mais um ano e acrescida de mais 400 francos, para ir a Itália «onde executará em mármore a sua estátua do terceiro ano, concorrendo o Governo com as despesas do mármore [...] e as inerentes a este trabalho, que ficaria propriedade da Academia». Em Paris, o pensionista tinha a obrigação de «frequentar com toda a regularidade os cursos orais, tomando parte no exercícios e concursos da École e nos exercícios e concursos dos ateliers da mesma». Contudo, «Se por seus costumes pouco regulares não se tornar digno da mercê que se lhe concede, ou por sua negligência non estudos, não tirar deles o fruto que se deseja e espera» seria mandado de volta para Portugal.

A este concurso, José apresentou o baixo relevo *A prisão do Mendigo*. «uma verdadeira obra de arte» (*Prisão de um mendigo...*, 29.2.1908: 42-44), com o qual veio a ganhar a pensão do Estado, suplantando o companheiro de atelier e de curso, o gaiense António Alves de Sousa, e Rodolfo Pinto do Couto. As provas dos três concorrentes estiveram em exposição na Academia em S. Lázaro, merecendo a atenção da imprensa, que, em especial, destacou as de Oliveira Ferreira e Alves de Sousa (LOPES, 1948: 193). Sobre o primeiro deles, Guedes de Oliveira escreve:

Que ele, a falar verdade, meus amigos, não se trata já de uma promessa de artista, simpática embora, como todas as promessas: trata-se de um artista feito, e feito tão autêntica, real e inteiramente quanto nele se contém. Vede: não venceu simplesmente um concurso de escola, que o destacou para um pensionato que há de devolvê-lo bacharelado; produziu uma obra de arte para a qual esse concurso foi apenas um projeto. Diante dessa obra de arte, amigos, os vossos lábios não desabrocharão somente o amável sorriso daquela grata complacência que é a maternal animadora da vocação que pode ir longe. [...] Diante do baixo relevo, sentido por uma alma que se comove, executado por uma dextra mão que não hesita, as palavras estudante, aluno, discípulo como que emigram do nosso espírito, vazias de sentido. À semelhança de Miguel Ângelo, esse rapaz revela-se antes do tempo marcado ao comum dos homens. [...] Nós julgamos pelo que vemos, e pelo que vemos é-nos lícito afirmar que um artista que assim começa, pode conquistar o direito de entrar na imortalidade com o chapéu na cabeça. Para isso falta-lhe apenas trabalhar – e ser malcriado (OLIVEIRA, 1997).

Até ao final do ano, José de Oliveira Ferreira preparou a sua partida para Paris. Em 13 de dezembro, por escritura pública, João de Sousa Júnior, viúvo, proprietário, morador no Largo do Ribeirinho, Vila Nova de Gaia, comprometeu-se perante o diretor da Academia Portuense de Belas Artes, João Marques da Silva Oliveira, a restituir o valor das pensões recebidas do Estado, quando José de Oliveira Ferreira, «tendo mau procedimento e falta de aplicação, não possa seguir o curso a que se destina» (ADP, *Reg. Not.* Porto, 6^a Cart. Not., L.º 456: 63-64). Asseguradas todas as condições, o jovem escultor apresentou-se no dia 9 de janeiro do ano seguinte, na Legação de Portugal em Paris, conforme determinavam as Instruções, ficando a residir na Rua Denfert Rochereau, n.º 37 (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 9.1.1908). Era o início de uma estadia que, além da continuação dos estudos com nomes grandes da arte francesa, como Antonin Mercié e do contacto com diferentes realidades artísticas, lhe possibilitou conviver com os pintores Sousa Lopes, Acácio Lino –, que lhe deixou o atelier quando foi completar a sua pensão em Itália –, Manuel Jardim, Smith, Eduardo Viana, Sousa Cardoso, Ferreira da Costa e Alves Cardoso, e os escultores Costa Mota e Simões de Almeida, na mesma época também em Paris (LOPES, 1948: 193).

Nos três anos seguintes, o jovem escultor parece ter aproveitado bem as oportunidades que a pensão na capital francesa lhe oferecia. O encantamento com a cidade e a vida que proporcionava está bem patente na carta que escreveu no mês seguinte, a 12 de fevereiro, a José de Brito, secretário da Academia Portuense de Belas Artes, quando diz:

Tenho passado o tempo desde a minha chegada aqui, aproveitando-o a ver museus e grandes obras de arte e com pena sinto o não lhe poder descrever a impressão que tudo isto ainda me causa. É tudo grandioso e nunca poderia aí fazer uma pequena ideia de tudo isto que agora me espanta. Tenho levado muito boa vida, mas vou começar agora a trabalhar para aproveitar bem o tempo. Fui à Academia Julian para ver a sorte que me espera, e logo que me chegue o dinheiro vou matricular-me em Desenho e Escultura, porque isto não é vida (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 12.2.1908).

O dinheiro, compreensivelmente, era a sua grande preocupação. Como ele próprio observou com alguma ironia, «O que aqui é mau, é quando falta o dinheiro e não o mandam. Depois que cheguei o que me valeu foi ter quem mo emprestar, senão tinha talvez de tocar realejo e pedir. Esqueceu-me de me informar disto aí e não sei a quem me deva dirigir nestes casos» (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 12.2.1908). Continuando sem receber a pensão, em 26 de fevereiro voltou a 'queixar-se à Academia Portuense de Belas Artes de que «há já uns dias que em vez de ser pensionista do governo, como era e desejo continuar a ser, sou pensionista de dois amigos», pedindo a José de Brito providências «não só para que eu receba o ordenado deste mês mas ainda para que tais coisas não se repitam, porque eu estou numa terra desconhecida e é-me difícil a vida se o dinheiro que é devido não vem a tempo e horas (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 26.2.1908).

Nos meses seguintes, inscreveu-se na *École National des Beaux-Arts*, aproveitando todos os cursos a que a inscrição lhe dava direito (APBAUP, *Correspondência...*, carta de 22.5.1908) e fez Desenho Histórico, na *Academie Julian*, escola privada de pintura e escultura de relevância na capital francesa. Contudo, por lhe ser «tudo alheio», optou por não concorrer ao primeiro concurso para admissão à *École National des Beaux-Arts* (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 24.9.1908). No início de outubro enviou para a Academia a primeira remessa de trabalhos a que, como pensionista estava obrigado. Entre os certificados que lhe junta, inclui o de Antonin Mercié, no qual asseverava ter sido José de Oliveira Ferreira um estudante assíduo no seu atelier, com excelentes estudos produzidos (AFBAUP, *Correspondência...*, relatório 31.7.1908; carta 3.10.1908). No final de outubro teve o primeiro *desaire* – não foi classificado na prova do concurso «de place» que realizou na *École National des Beaux Arts*, comprometendo-se a fazê-lo de novo em abril-maio do ano seguinte –, mas também uma primeira vitória – uma obra sua, a «*Tête de jeune-homme*» foi admitida ao *Salon Société des Artistes Français* de 1909 (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 29.10.1908). Simultaneamente, em Portugal, uma das suas peças integrava a exposição de arte no *Salão da Photographia União*, na cidade do Porto (SOUSA, 1908: 290-291).

Embora tenha falhado a admissão à *École National des Beaux-Arts*, José de Oliveira Ferreira estava a cumprir as condições que a sua pensão exigia. Não se ficou, no entanto, apenas por isso. Apesar de estar longe do país e muito ocupado com os seus estudos na capital francesa, decidiu apresentar-se, juntamente com o irmão Francisco, também ele a estudar fora de Portugal nessa altura (C.A., 1909: 66), ao concurso do Monumento da Guerra Peninsular a construir na então Praça Mouzinho de Albuquerque, atual rotunda de Entrecampos, na cidade de Lisboa, no âmbito da comemoração do primeiro centenário da Guerra Peninsular. Em 15 de setembro de 1908 foram publicadas as bases do concurso, no *Diário do Governo* (15.9.1909). As maquetes deveriam ser apresentadas até 15 de março de 1909, na escala O,10 por metro, com uma altura não inferior a um metro. A verba atribuída para a construção seria de cinquenta mil réis – um valor que na própria época foi considerado excessivamente reduzido –, ficando a construção dos alicerces a cargo da Comissão do Centenário.

Os irmãos Oliveira Ferreira apresentaram ao concurso uma maquete (Fig. n.º 1), que, tal como as restantes catorze, foi apreciada sob anonimato pelo júri constituído pelo general Rodrigues da Costa, arquitetos José Luís Monteiro e Álvaro Machado e os escultores Costa Mota e Simões de Almeida, tendo-lhes sido atribuído o primeiro prémio, a adjudicação da obra. Os segundo e terceiro prémios, por sua vez, receberam uma quantia em dinheiro. Contudo, a decisão do júri suscitou as críticas da revista *Ilustração Portuguesa*, num artigo profusamente ilustrado com fotografias das maquetes concorrentes, significativamente intitulado «Um grande logro». No entender do autor, não identificado, os «milhares» de pessoas que passaram na Sociedade de Geografia, onde as referidas maquetes estiveram expostas, e teceram os maiores elogios à forma como decorreu o concurso, não tiveram em conta o espaço destinado à construção do monumento. Classificando o referido concurso como «um desastre, para o qual urge encontrar remédio, embora a resolução salvadora ponha em litígio interesses lesados e vaidades feridas», dá o mote para uma crítica que

OCIDENTE

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

| Preços de assignatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18 n.ºs | Trim. 6 n.ºs | N.º a entrega | 32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1089 | Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 |
|--|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|-------------------------------------|--|
| Portugal (franco de porte) m. forte... | 3\$800 | 1\$900 | 650 | 5 | 30 de Março de 1909 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. |
| Possessões ultramarinas (idem)..... | 4\$000 | 2\$000 | 750 | 5 | | |
| Extrangeiro e India..... | 5\$000 | 2\$500 | 850 | 5 | | |

Concurso para o Monumento da Guerra Peninsular



PROJÉTO DOS SRS. JOSÉ E FRANCISCO DE OLIVEIRA FERREIRA, CLASSIFICADO PELO JURI COM O PRIMEIRO PREMIO

(Clichés Benoliel)

FIG. N.º 1 — A VITÓRIA DOS IRMÃOS OLIVEIRA FERREIRA NA IMPRENSA. OCIDENTE. 30.3.1909.



FIG. N.º 2 – A VITÓRIA DOS IRMÃOS OLIVEIRA FERREIRA NA IMPRENSA. *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*, 5.4.1909.

perdurou no tempo – «colocar numa praça de oitenta metros de diâmetro um *bibelot* de 12 metros de altura». «O projeto premiado não só comprometerá uma futura conceção monumental exigida pela ampliação do parque, como ficará mesquinhamente comprometido pela desproporção esmagadora entre a exiguidade do seu vulto e o seu vastíssimo ambiente». Manifestando a preferência pela proposta do arquiteto Ventura Terra (Fig. n.º 2), o autor deste artigo reconhece que os recursos modestos com que a Comissão do Centenário da Guerra Peninsular «enclausurava a inspiração dos artistas, não lhes permitindo projetos de dispendiosas dimensões», ao mesmo tempo que lhes exigia maquetes onerosas que para muitos dos seus autores significavam um grande sacrifício. A melhor solução seria, alvitrava a revista, a alteração do local de colocação do monumento.

Na revista *Ocidente*, encontrámos a mesma crítica, embora atenuada pelos elogios aos autores da obra e em forma de conselho:

Desde já faremos uma observação que nos parece ter passado despercebido aos autores e é sobre a altura do monumento, que a nosso ver, achamos um tanto baixo, o que prejudicará as proporções e elegância da forma geral. Uma pequena diferença para mais na base e no pedestal deverá fazer-lhe bem, ficando ainda acessível à observação do público em todas as suas belas linhas.

Mas o articulista vai mais longe:

A adjudicação da construção do monumento como primeiro prémio conferido, afigura-se-nos que, aparte a glória, será um sacrificio para os premiados desde que se saiba que a verba para essa construção é apenas de cinquenta contos.

Não sabemos como tal maravilha se poderá realizar, ainda que para isso os autores sejam de uma abstinência pastoril, mas dentro da boa razão e da justiça é de esperar que tudo se resolva pelo melhor (C.A., 1909: 67).

Palavras premonitórias que o futuro, como veremos, veio a confirmar!...

A vitória alcançada pelos irmãos Oliveira Ferreira, em especial do escultor, então a usufruir de uma pensão em Paris, amplamente difundida na imprensa da época, terá sido certamente acompanhada pelos professores da Academia Portuense. Curiosamente, entre a correspondência enviada por José de Oliveira Ferreira à instituição e hoje depositada no seu arquivo não há qualquer referência sua sobre o prémio recebido. Desconhecemos, se essa questão, além da instabilidade própria da mudança do regime político em Portugal, terá contribuído para que, no ano seguinte, em 1910, a Academia não respondesse ao pedido do jovem escultor de prolongamento da sua pensão por mais um ano para completar os estudos em Itália, prolongamento esse que foi concedido a outros artistas da mesma instituição.

Na verdade, o que sabemos sobre José de Oliveira Ferreira em Paris, após a adjudicação da criação do Monumento da Guerra Peninsular, é que prosseguiu os seus estudos na École National des Beaux Arts sob a direção de Mercié e que no concurso em que participou em junho de 1909, ficou classificado como 1.º suplementar, não tendo, contudo, obtido classificação no concurso semestral dos ateliers de escultura (concurso de composição) em que se apresentara (AFBAUP, *Correspondência...*, certificado de 31.7.1909; carta de 10.8.1909). Em agosto desse ano, enviou a segunda remessa de trabalhos à Academia que veio a integrar a 18ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos alunos da Escola Portuense de Belas Artes considerados dignos de distinção no ano letivo de 1908-1909 (*Catalogo...*, 1909: 41). Finalmente, em novembro, o escultor fez o «*concours de place*» (concurso de admissão) na École National des Beaux Arts, tendo sido admitido e classificado em 7.º lugar (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 10.11.1909).

Ao mesmo tempo e a partir de Paris, com o apoio do irmão, começou a preparar o retorno a Portugal e as condições para criar as peças escultóricas do monumento da Guerra Peninsular. Em setembro de 1909, José e Francisco de Oliveira Ferreira compraram um terreno em Vila Nova de Gaia, na Praia de Miramar, a António Maria de Abreu Leite Bacelar e mulher, comprometendo-se a construir nele no prazo de dois anos uma casa de habitação (ADP, *Reg. Not.*, VNG, 1.º Cart. Not., escrit. de 29.9.1909). O terreno estava estrategicamente localizado junto ao apeadeiro de caminho de ferro de Miramar, a partir do qual seria certamente mais fácil expedir as peças, algumas de grande dimensão, para Lisboa.

Cumprindo o que estava determinado, José de Oliveira Ferreira enviou em 1910 a terceira remessa de trabalhos que, tal como acontecera no ano anterior, foi apresentada na 19ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos alunos da Escola Portuense de Belas Artes (*Catalogo...*, 1910: 31). Nesse ano, participou, uma vez mais, no Salon da Sociedade Nacional de Belas Artes de Paris, desta vez com a escultura *Portrait d'Homme* (*Catalogue...* 1910: n.º 3940).

Foi, pois, na capital francesa, que José de Oliveira Ferreira acompanhou em outubro de 1910 a implantação da República em Portugal, tendo-se rapidamente adaptado à nova realidade política. Na carta que enviou à Academia Portuense de Belas Artes do Porto em 20 de novembro de 1910, queixando-se uma vez mais da falta de pagamento da pensão, a frase «Deus guarde a V.Ex.^a» que usava habitualmente no final, foi substituída pela bem republicana «Saúde e Fraternidade» (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 20.11.1910).

José de Oliveira Ferreira estava então a terminar o pensionato de três anos em Paris, tendo o Conselho Escolar da Academia Portuense de Belas Artes decidido em agosto de 1910 que a passagem do esboço *Gulosa* a escultura em gesso de «tamanho natural» fosse o seu trabalho final. Contudo, o jovem escultor não pretendia voltar logo a Portugal. Com base no que estava expresso no programa do concurso para pensionista, solicitou em novembro ao diretor da Academia Portuense de Belas Artes «mais um ano para continuar os meus estudos em Itália, se o Conselho da Academia assim o julgar conveniente» (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 30.11.1910). Nunca recebeu uma resposta. Invocando razões de saúde, desloca-se a Portugal, aqui tendo permanecido entre dezembro de 1910 e janeiro de 1911 (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 6.12.1910). A construção da casa-oficina em Miramar terá sido certamente um dos assuntos a que dedicou então a sua atenção.

De novo em Paris, e em alternativa ao prosseguimento dos estudos em Itália, solicitou a prorrogação da pensão por mais alguns meses, alegando que «o meu trabalho na estátua final me obriga a demorar mais algum tempo» em Paris (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 3.2.1911), ou seja, na escultura *Gulosa* em gesso definida pelo Conselho da Academia Portuense. Curiosamente, na carta que António Bandeira da Legação de Portugal em França dirigiu na mesma época ao diretor da Academia Portuense de Belas Artes, solicitando a prorrogação da pensão de Oliveira Ferreira, apresenta-se um outro argumento – «o enorme transtorno que lhe faria ter de interromper os trabalhos da estátua comemorativa da Guerra Peninsular, que está concluindo» (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 4.2.1911).

Independentemente do desencontro dos argumentos, a prorrogação por mais seis meses da subvenção ao pensionista do Estado foi autorizada pelo ministro do Interior e comunicada pela Direção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial «visto as informações abonatórias que constam dos documentos enviados pela Escola Nacional de Belas Artes de Paris e atendendo à circunstância de ter esse aluno necessidade do referido prazo para terminar a estátua que constitui o seu último trabalho» (AFBAUP, *Correspondência...*, ofício de 24.2.1911). O escultor continuou, assim, na capital francesa, onde em maio veio a terminar a estátua *Muscat-gourmand*, que, a conselho de Mercié, apresentou ao Salon de la Société National des Beaux Arts de Paris. Foi aceite e aí ficou exposta até 30 de junho de 1911 (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 13.5.1911), tendo recebido uma menção honrosa (*Journal Officiel...*, 2.7.1911: 5289). Aquilino Ribeiro, então também em Paris, num artigo que escreveu para a *Ilustração Portuguesa* sobre essa exposição, inclui uma fotografia da obra e não se poupa nos elogios:

Oliveira Ferreira [...] expõe um busto e uma estátua de tamanho natural. Estas duas obras sobressaem também na longa falange da estatuária. Há nelas uma sinceridade que toca. A arte de bem modelar rivaliza neste escultor com o poder de bem sentir. Ele traduz os seres e as coisas como os apercebe a sua retina: com a franca honestidade de um flamengo. Onde Teixeira Lopes, seu mestre, se demora a cativar ele fica a convencer. O seu estilo não tem o arrojo das novidades; mas a natureza oferece um recomendável ideal. Todavia ele não tirou seus estiletes do velho armário clássico nem narcisa os gestos das suas figuras. Como lhe vieram às mãos assim lhe saíram da mão, nem exóticas, nem lobisomanizadas. É um artista sincero, dessa sinceridade que enflorou a renascença [...] a obra de Oliveira Ferreira inspira-se espontaneamente dos seres e das coisas que o cercam. A sinceridade e o sentimento são tão naturais em sua casa como a luz do dia. Aí estão a sua estátua *Gourmande* e o busto que o comprovam (RIBEIRO, 1911: 742-743).

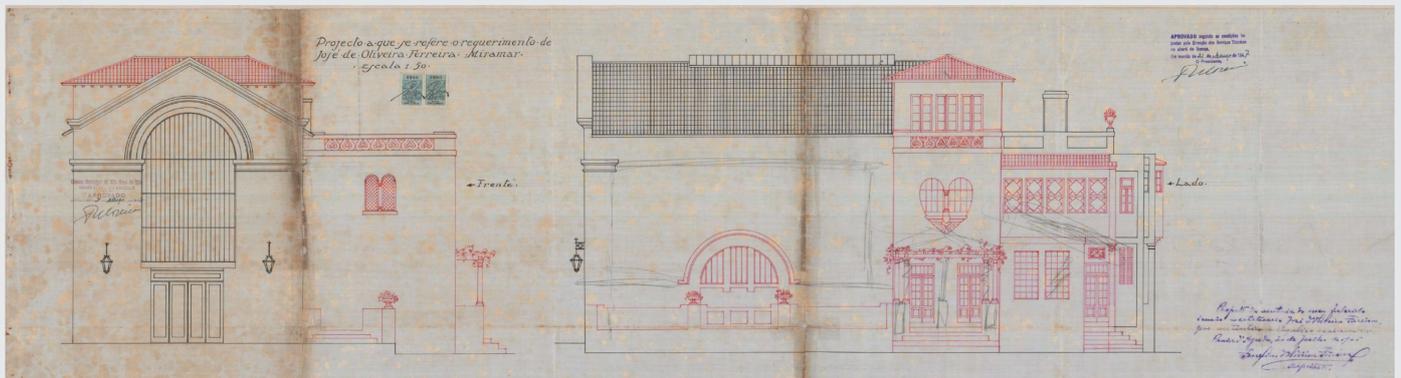


FIG. N.º 3 – PROJETO DA CASA-OFICINA DE JOSÉ DE OLIVEIRA FERREIRA.
AMSMB, PROCESSO DE OBRAS PARTICULARES... L/E.04.02-PT4.

Em julho de 1911, José de Oliveira Ferreira despede-se de Paris, expedindo para a Escola Portuense a estátua premiada (AFBAUP, *Correspondência...*, carta de 23.6.1911) e que veio a integrar a 20.ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos respetivos alunos, juntamente com outras obras suas criadas em Paris: *Risonha, Pour ton premier sourire petit enfant, apprend a connaitre sa mère* e *Cabra* (*Catalogo...*, 1911: 29). Retorna a Vila Nova de Gaia e à Rua do Choupelo, onde recebe encomendas para novos trabalhos, embora a sua «legítima esperança» estivesse no monumento da Guerra Peninsular (LOPES, 1948: 195). No ano seguinte, terá estado certamente ocupado com a construção da casa-oficina em Miramar, a partir de um projeto de sua autoria (Figuras n.º 3 e 4), como, anos mais tarde, assegurou o irmão o arquiteto Francisco de Oliveira Ferreira (AMSMB, *Processo...*, L/E.04.02-PT4). A partir de 1913 a vida e a obra do escultor José de Oliveira Ferreira passa por esta casa, transformada no reduto de um artista de mérito reconhecido, mas que, como referimos atrás, por vicissitudes várias e por um temperamento difícil, não conseguiu impor-se no competitivo meio artístico da época.

* ESE de Paula Frassinetti/CEPESE (UP)

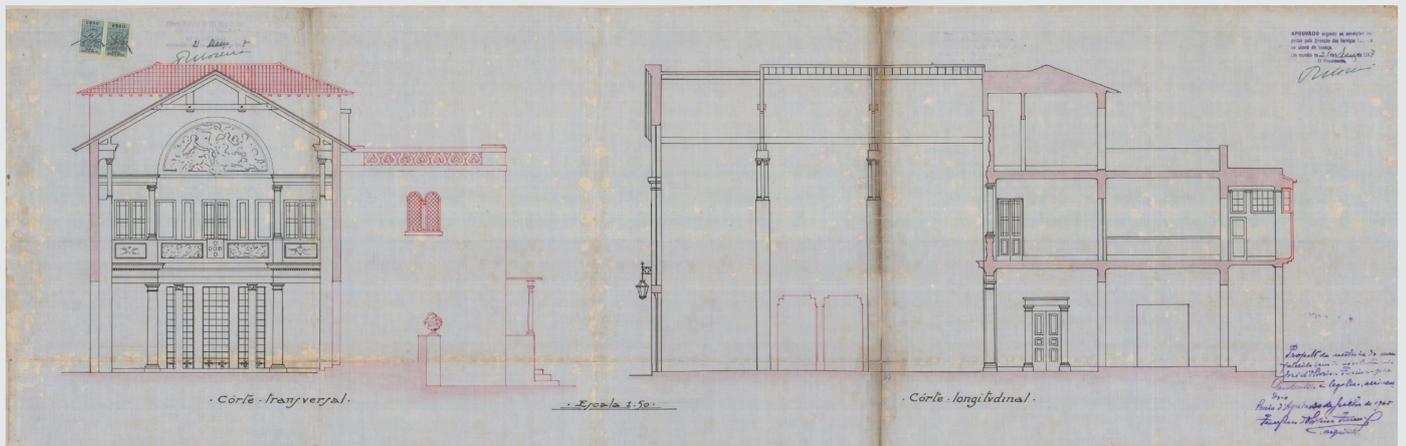


FIG. N.º 4 – PROJETO DA CASA-OFICINA DE JOSÉ OLIVEIRA FERREIRA.
AMSMB, PROCESSO DE OBRAS PARTICULARES... L/E.04.02-PT4.

Fontes Arquivísticas

Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (AFBAUP) – *Correspondência dos pensionistas*, 213 (3).

Arquivo Distrital de Viseu (ADV) – *Registos Paroquiais*. Viseu. Oriental, Batismos, L.º 1832-1845, fl. 172.

Arquivo Distrital do Porto (ADP) – *Registos Notariais*. Porto, 6.º Cart. Not., L.º 456, fl. 63-64; 3.º Cart. Not., L.º 2, fl. 47-48; L.º 4, fl. 1-1v; 35v-37v; 2.º Cart. Not., L.º 60, fl. 35v-36v; Vila Nova de Gaia, 1.º Cart. Not., escritura de 29.9.1909. *Registos Paroquiais*, Porto, Vitória, Batismos, L.º 1822-1834, fl. 219v-220; fl. 231; L.º 1846-1856, fl. 240; Casamentos, L.º 1849-1858, fl. 111v. S. Nicolau, Batismos, L.º 1848-1857, fl. 347; L.º 1880, n.º 100; L.º 1882, n.º 5; L.º 1883, fl. 27; L.º 1884, fl. 70; Óbitos, L.º 1877, fl. 11. Massarelos, Casamentos, L.º 1878-1879, fl. 30-30v.

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner (AMSMB) – *Processo de Obras Particulares em nome de Francisco Oliveira Ferreira*. L/E.04.02-PT4.

Fontes Impressas e bibliografia

C.A., 1909 – «Centenário da Guerra Peninsular. Concurso para o monumento da Guerra peninsular». *Ocidente*. 30 mar, p. 66-67.

«Centenario da Guerra Peninsular». *Brasil-Portugal*. 1.4.1909, p. 70-72.

*Catalogo da 12ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos alunos da Escola Portuense de Bellas Artes...*Coimbra: Impr. da Universidade, 1903.

*Catalogo da 18ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos alunos da Escola Portuense...*Coimbra: Impr. da Universidade, 1909.

*Catalogo da 19ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos alunos da Escola Portuense...*Coimbra: Impr. da Universidade, 1910.

*Catalogo da 20ª Exposição dos Trabalhos Escolares dos alunos da Escola Portuense...*Porto: Coop. Graphica, 1911.

Catalogue Illustré du Salon. Paris, 1908-1912.

Comércio do Porto (O). 21.3.1905.

Diário do Governo. 12.1.1907; 15.9.1908.

GOMES, J. C., 1981 – «José de Oliveira Ferreira: um escultor quase esquecido». *Boletim da ACAG.* 1 (10), mai., p. 3-10.

Journal Officiel de la République Française. 2.7.1911, p. 5289.

LEÃO, M., 2005 – *A Arte em Vila Nova de Gaia.* VNG: Fund. Manuel Leão.

LOPES, J., 1948 – «Os escultores gaienses e a Escola de Belas Artes do Porto: José de Oliveira Ferreira». *Ocidente.* XXXV (127), nov., p. 191-195.

MACEDO, D. de, 1932 – «A escultura em Portugal. XII Soares dos Reis e a “Escola” de Gaia». *Seara Nova.* 18 ago., p. 377-380.

OLIVEIRA, G. de, 1905 – «Artistas novos: José d’Oliveira Ferreira – António Alves de Sousa». *Arte.* I (12), dez., p. n.n.

OLIVEIRA, G. de, 1905 – «Discípulo de um grande mestre: o concurso de José Oliveira Ferreira, ou variações sobre um velho tema». *Arte.* III (29), mai., p. n.n.

«Prisão de um mendigo: baixo-relevo por José Oliveira Ferreira». *Ocidente.* 29.2.1908, p. 42-43.

«Provas do 5.º ano do curso de escultura na Escola de Bellas Artes, do Porto». *Ocidente.* 20.2.1906, p. 36-37.

RIBEIRO, A., 1909 – «Artistas portugueses em Paris». *Ilustração Portuguesa.* 19 abr., p. 481-487; 26 abr., p. 513-520.

RIBEIRO, A., 1911 – «Os artistas portugueses no Salão de Paris». *Ilustração Portuguesa.* 12 jun, p. 737-744.

S.M., 1916 – «Arte Nacional. A exposição do Ateneu Comercial do Porto». *Ilustração Portuguesa.* 8 mai., p.566-568.

SOUSA, A. J. do V. e., 1908 – «Exposição d’Arte no Salão nobre da “União” do Porto». *Brasil-Portugal.* 1 nov., p. 290-291.

«Um grande logro o concurso do monumento comemorativo da Guerra Peninsular». *Ilustração Portuguesa.* 5.4.1909, p. 431-436.